

Guardiões da Floresta: CÂMERAS EM AÇÃO!

sobre filme de Jocy Guajajara e Milson Guajajara

Ruben Caixeta de Queiroz¹

Guardiões da Floresta (Jocy Guajajara; Milson Guajajara, 2018) é um filme, tal qual *Virou Brasil* (Pakëa; Hajkaramykya; Arakurania; Petua; Arawayta'ia; Sabiá; Paranya, 2019), que surgiu a partir de duas oficinas realizadas, em 2017, pelo projeto *Vídeo nas Aldeias* no noroeste do Maranhão, respectivamente nas aldeias Maçaranduba e Tiracambu, ambas situadas na Terra Indígena Caru. Esta Terra se insere numa região habitada por três povos indígenas tupi-guarani: Guajajara, Awá-Guajá e Ka'apor. Ali, os povos indígenas resistem contra a invasão de seus territórios pelos madeireiros e criadores de gado! Tendo devastado a floresta amazônica na parte ocidental do Maranhão, os colonizadores cobiçam agora o que resta de madeira e de mata no interior das terras indígenas: ramais de estradas e serrarias cortam a floresta, ameaçando, inclusive, a sobrevivência dos índios isolados Awá-Guajá, que se refugiam nas zonas de mais difícil acesso.

O filme não mostra, mas se o leitor quiser facilmente ver uma imagem aérea desse lugar, basta abrir o *google earth*, procurar pelo nome de uma cidadezinha (as aldeias não são "visíveis"), por exemplo, Zé Doca ou Santa Inês, e encontrará algumas manchas verdes de floresta. Não precisa se espantar, elas são os limites circunscritos pelas terras indígenas ou unidades de conservação. O resto, o que está fora destes limites, já foi totalmente devastado pelas madeiras e pelas fazendas. Para transitar entre essas ilhas de verde, os povos indígenas precisam cruzar os terrenos baldios, ex-florestas que viraram pasto para gado. O pior, o que resta de floresta no interior das terras indígenas está sendo destruído pelas madeiras, pelo fogo, pelo gado invasor!

Guardiões da Floresta é um filme que retrata as ações de uma auto-organização homônima dos indígenas para proteger o que ali resiste de floresta! O filme apenas evoca esse cenário e o espectador que quiser saber mais sobre essa realidade precisa ir atrás de outras informações. Se ele ainda quiser saber mais sobre a história, a organização social e a cosmologia dos povos que ali habitam, precisa ler os trabalhos de antropologia, como aqueles de Darcy Ribeiro, Willian Balée, Eduardo Galvão e, mais recentemente, Uirá Garcia e Renata Otto.

.....
1. Professor de antropologia da UFMG, etnólogo e pesquisador do CNPq. Pesquisa junto aos povos indígenas Karib das Guianas desde 1994.

Um filme documentário (ou de ficção), como se sabe, apenas evoca ou exprime parte de uma realidade. Um recurso narrativo muito empregado neste tipo de filme é a voz *off* ou voz *over*, como forma de alargar a compreensão do tema apresentado ou de reforçar o que é mostrado pela imagem. No entanto, a opção em *Guardiões da Floresta*, foi pela supressão completa deste tipo de comentário, se concentrando apenas nas imagens das ações (de vigilância territorial) que ocorrem no momento mesmo que a oficina de vídeo é realizada. Por isso, trata-se de um filme em direto, quase que próximo do tipo “cinema observacional”, e muito distante de outros filmes do projeto *Vídeo nas Aldeias*, como *Corumbiara* (Vincent Carelli, 2009) e *Martírio* (Vincent Carelli, 2016), nos quais o comentário *over* revela-se fundamental para tecer os fios de uma história e do protagonismo indígena contra a colonização e a expropriação violenta de seus territórios. Ao contrário também dos filmes de Isael Maxakali – nos quais, no momento mesmo da captação da imagem e do som, o cineasta emite um comentário sobre o que está sendo filmado –, o filme guajajara parece querer apenas acompanhar as ações de fiscalização, e a câmera, de certa forma, age como uma arma ou uma câmera de vigilância não ligada de forma ininterrupta (algumas vezes camuflada e observando de longe, outras de muito perto, disposta sempre a partir do ponto de vista dos índios, não do inimigo), mas pronta a ser disparada assim que seja detonada do outro lado (do invasor, de frente para a objetiva) uma reação armada ou violenta.

O suspense do filme também é criado em torno da possibilidade de um abate do gado pelos índios em ação de fiscalização, fato que é recorrentemente aludido ao longo da narrativa e nas conversas entre indígenas e invasores (em geral, pequenos proprietários rurais, vaqueiros ou empregados de madeiras que estão na linha de frente das atividades predatórias das terras indígenas e que também são vítimas das práticas de grilagem de terras e do latifúndio no país). Na montagem do filme constrói-se este suspense, já que, logo no início, nos é dado a ver, numa cerca disposta na beira da terra indígena (marcada pela placa da Funai, que anuncia a sua proteção legal e interdição de ocupação por não-indígena, de acordo com a legislação em vigor), uma fileira enorme de carne de gado a ser secada pelo sol. Mas, ao longo de todo o filme, não vemos sequer um animal abatido pelos índios, não vemos sequer uma ação violenta deles contra os invasores (como a gente sabe, por outras fontes, às vezes isso ocorre de fato, pois os índios podem prender, amarrar e expulsar aqueles criminosos que se encontram no meio das suas terras tirando madeira ou criando gado), e vice-versa. O que vemos é um diálogo ou uma conversa mais dura das lideranças indígenas contra os invasores, explicando-lhes a ilicitude de suas práticas e a necessidade de proteção da floresta, muito embora o semblante dos índios (alguns deles encapuzados ou com rostos pintados) e dos próprios invasores seja de medo ou de revide.

Se podemos ver essa “expectativa” e esse “suspense” estampado no filme *Guardiões da Floresta*, ali pouco discernimos quem são mesmo esses índios por trás da câmera ou das ações de vigilância. Só um profundo conhecedor da realidade local poderia saber que dentre eles se encontram misturados os índios Guajajara e Awá-Guajá. Eles (juntamente com os Ka’apor) realizam hoje inúmeras ações de proteção de suas terras (o que seria uma obrigação legal do Estado, aqui, ausente), por conta própria, criando para isso o que

chamam de brigadas de guardiões da floresta, uns se inspirando nos outros. Em alguns casos, os índios de mais longo contato com a sociedade nacional, agem exatamente no sentido de proteger aqueles que ainda estão isolados (e ameaçados) no meio da floresta.

O cerco e o extracampo

No entanto, no extracampo, a violência é cotidiana e muito mais estampada e difundida por uma população que, insuflada pelos ruralistas e pelos políticos do país, acredita que os indígenas são entraves ao desenvolvimento. No caso da Terra Indígena Araribóia (um dos lugares onde habitam os Guajajara), segundo dados do Conselho Indigenista Missionários (CIMI), desde 2006, foram 13 índios mortos, dos quais, três agentes ambientais indígenas conhecidos por guardiões da floresta: Afonso, Acísio e Cantídio Guajajara. De acordo com uma liderança indígena, junto ao corpo de Afonso, os madeireiros deixaram uma lista com os nomes dos outros agentes ameaçados, como um recado da violência futura. “Os caras (madeireiros) deixam claro: ‘se eu ver o guardião eu vou matar’”.²

Como já dissemos, naquelas terras indígenas do Maranhão, há a presença de índios isolados, os Awá-Guajá, cada vez mais ameaçados pelos invasores e pelo fogo que destroem a floresta onde habitam. A proteção destes índios foi justamente uma das motivações para o surgimento, na Terra Indígena Araribóia, em 2011, dos guardiões da floresta. Antes disso, em 2007, os índios Guajajara já tinham passado por uma experiência dolorosa e começaram a pensar numa forma de organização autônoma para a resistência: naquele ano o cacique Tomé Guajajara expulsou alguns madeireiros que tinham invadido a terra indígena, e, em retaliação, um mês depois, um grupo de homens armados apoderou-se da aldeia, entrou na casa de Tomé e o executou. A esposa e o filho foram baleados, mas sobreviveram.³

De forma paralela, a partir de 2010, os vizinhos Ka’apor (um povo também tupi-guarani, habitante da Terra Indígena Alto Turiaçu) organizaram uma experiência inédita na qual articula um sistema de educação com a proteção territorial: junto com o “Projeto de vida e formas de pensar a gestão territorial e ambiental do TI Alto Turiaçu”, organizaram o “Projeto pedagógico e curricular de educação básica ka’apor” (Ka’ namo jaju jumú’e há katu – aprendendo com a floresta). Através desta articulação foram criadas formas de valorizar a cultura e de cuidar das pessoas com proteção territorial, na busca de maior autonomia e sustentabilidade. Num documento denominado “Nossa floresta é nossa vida: o povo Ka’apor não aceita mais mentira do governo e invasão do território por madeireiros”, elaborado pelos próprios Ka’apor, podemos ler:

Não vamos aceitar que mais ataques e ameaças. Por isso, decidimos cuidar e proteger nosso território e não esperar mais pela Funai, pelo governo. Eles sempre pedem para esperar. Enquanto

.....
2. Instituto Socioambiental. Assim lutam os Guajajara, guardiões da floresta. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/assim-lutam-os-guajajara-guardioes-da-floresta/>>. Acesso em: 05/10/2019.

3. Instituto Socioambiental. Assim lutam os Guajajara, guardiões da floresta. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/assim-lutam-os-guajajara-guardioes-da-floresta/>>. Acesso em: 05/10/2019.

isso os invasores destroem nossos bens naturais, enganam nosso povo, dão bebidas para nossos parentes, levam nossas caças, tiram alimento de nossos filhos. Só nós sabemos de nossos problemas porque sentimos e sofremos. Só nós sabemos os caminhos que temos que seguir. Não aceitamos mais que o governo decida e faça por nós. Nós mesmos vamos vigiar, proteger e trabalhar a gestão de nosso território.⁴

A câmera como arma

O filme *Guardiões da Floresta* documenta essa experiência de proteção territorial na qual os índios Guajajara e Awá-Guajá enfrentam os madeireiros e criadores de gado, que estão invadindo e devastando as terras indígenas. Armados, ora de flechas (empunhadas pelos Awá-Guajá, que também estão uniformizados de preto), ora de espingardas (portadas pelos Guajaras, que estão pintados para a guerra), os índios percorrem o seu território e observam de longe o gado invasor e os vaqueiros, ao mesmo tempo que, numa base de vigilância, tentam dialogar e “pacificar” os invasores: “a proteção desta terra e da floresta é importante para nós, mas também para todo mundo”, dizem aos forasteiros. No filme, conforme já dissemos, nenhum tiro é disparado, nenhuma flecha é usada seja para atingir os invasores, seja para matar o gado. A câmera tudo filma, acompanha as ações dos guardiões, está presente nos momentos mais tensos de enfrentamento direto. Dessa forma, a câmera funciona a favor dos indígenas como testemunha e como arma na proteção do território, e da vida!

No momento político atual do país, de ataque tão brutal contra os direitos dos povos indígenas, contra a floresta e a vida, *Guardiões da Floresta* (2018), juntamente a *Virou Brasil* (2019), se revelam filmes indispensáveis para nos informar, nos tocar e nos formar numa aliança com os povos da floresta. E isso deveria ser feito não apenas por uma questão de solidariedade ou de empatia, pois, não é exagero dizer, a nossa sobrevivência, de todos nós (indígenas e não-indígenas), depende cada vez mais da sabedoria indígena – e não da “nossa” civilização. Zezico Rodrigues, uma liderança guajajara, diz que “quando chegou o europeu começou um processo de extermínio para ocupar o Brasil. E a gente foi sobrevivendo, se salvando. [...] Eu abracei essa causa porque desde quando o Brasil foi formado, que era o nosso território, muitos parentes foram assassinados. [...] Se a nação indígena acabar, toda a nação irá junto. Toda a floresta, todos os animais, vão junto”. Recentemente, o indígena Flay Guajajara, que colaborou na produção de imagens para *Guardiões da Floresta*, postou na *internet* uma filmagem curta de seu encontro na mata com um índio isolado Awá-Guajá, com o objetivo de que essa imagem pudesse circular e evitar a extinção desse povo no Maranhão. Ele mesmo traçou o seu objetivo: “Esperamos que esse filme traga um resultado positivo e faça uma

.....
4. Nossa Floresta é nossa vida. O Povo Ka'apor não aceita mais mentira do governo e invasão do território por madeireiros. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%ADcias?id=128726>>. Acesso em: 05/10/2019.

repercussão internacional com um olhar voltado para a questão de proteger um povo, uma floresta, uma nação, uma terra e uma história”.⁵

A câmera e a imagem são armas cada vez mais usadas pelos indígenas e por coletivos como o “Mídia Índia”, para sua proteção e para dar recado aos brancos. Assim como as câmeras, inclusive as de celulares, as ações em campo de proteção territorial e da floresta, as palavras dos xamãs, as rezas e os cantos são formas de evitar “a queda do céu e o fim do mundo”. Nesse sentido, um índio Awá-Guajá sabe muito bem que o canto é uma forma de suspender a rudeza da vida mundana e, ao mesmo tempo, uma maneira de abrir caminho para o céu, como tão lindamente nos mostra uma sequência de cantos seguida da indignação de uma mulher awá no filme *Virou Brasil* (2019): “pergunte pros Karaí [brancos]: por que querem nos matar?”. Ao que um cantor-dançarino responde: “Não sei porque eles querem nos matar, a gente nem fica aqui na terra.” Mais à frente, depois de uma turma awá atravessar um caminho antigo de caça, agora esburacado pela fúria de um trator e da construção da Estrada de Ferro Carajás, um homem awá fala para a câmera:

Eu penso, se eu ficar velho com meus filhos e morrer... Quando a gente fica velho, morre. Aí o trator virá aqui pra perto deles. Por isso eu canto. Eu sempre canto, eu não fico à toa, sem cantar. Por isso eu tenho a memória boa, a cabeça boa. Eu sempre penso lá na frente, no meu futuro. Eu olho para os Karaí e me pergunto se querem mesmo trabalhar ou apenas tomar nossa terra. Aí, eu olho para os meus filhos e vejo eles animados com o trabalho dos Karaí. Eu digo pra eles: logo vão matar a gente, eles estão de olho na terra do índio. É o que eu falo pros meus filhos: esses Karaí não estão aqui à toa. O chefe deles, que vive longe, está de olho na terra do índio.

É dessa forma que o índio awá está lendo os ataques e a cobiça de sua terra pela elite capitalista do país (e do mundo), comandada pelo atual Presidente. Salivando tanto ódio contra os índios, disfarçado de patriotismo e desenvolvimentismo, o Presidente e seus seguidores têm vociferado coisas como “no meu governo índio não terá nem mais um milímetro de terra”; “os estrangeiros não estão interessados no índio ou na porra da árvore, mas no minério”; “os estrangeiros querem que o índio continue como o homem pré-histórico, que não tem acesso à tecnologia, à ciência, às mil maravilhas da modernidade”. Diante destas falas, creio que todas as pessoas minimamente informadas reconhecem que o Presidente está, na verdade, por trás de sua truculência e estupidez, defendendo grandes interesses da indústria madeireira e da mineração.

Essas “maravilhas da modernidade” não podem disfarçar, por exemplo, a miséria e a violência que rondam nossas cidades, muito menos as mortes causadas pelo rompimento das barragens, ou a ferrovia e o projeto minerário da Serra dos Carajás, no Pará, que, dentre outros estragos, rasgaram ao meio a terra dos índios Awá-Guajá (aqueles mesmos retratados na saga de Karapiru, no filme extraordinário de Andrea Tonacci, *Serras da Desordem*, 2006). Ao contrário do que pensam os partidários do Presidente,

.....
5. Ver o filme e a fala de Flay Guajajara aqui: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/m%C3%ADdia-ind%C3%ADgena-divulga-imagens-de-etnia-isolada-e-amea%C3%A7ada-por-madeireiros-no-brasil-1.353347>>.

há uma outra civilização que detém a mais avançada das mais avançadas das tecnologias – que é um conhecimento e um respeito profundo pela floresta e pela vida humana e não-humana que os brancos não têm e, parece, nunca terão. Restam-lhes ouvir a voz e o pensamento indígenas, antes que o fogo e a busca ilimitada por produção e consumo de mercadorias possam nos engolir todos juntos, decretando a extinção da humanidade.

Corte final, ou consumo final! Apaguem as luzes, e as câmeras! Fins dos tempos, de criação. Fogo! Morte! Desmatamento! Tempos sombrios e escuridão parecem marcar a obsessão perseguida pelo atual governo. Que os povos indígenas possam nos apontar uma luz, a partir do interior de suas câmeras e de suas mentes avançadas, como diria Caetano Veloso! Vejam os filmes *Guardiões da Floresta* (2018) e *Virou Brasil* (2019), pensem, saiam do conforto, leiam esse apelo dos Guardiões da Floresta, um coletivo de indígenas extremamente corajosos e inspiradores que estão colocando suas vidas⁶ em risco para proteger a floresta Amazônica da destruição:

Caros amigos,

Estamos enviando estas palavras a vocês hoje porque precisamos de apoio urgente. Nossa terra está sendo invadida, agora, neste momento. É uma emergência. Nós patrulhamos a floresta, identificamos os madeireiros, destruimos seus acampamentos e os expulsamos. A gente já combateu muita invasão de madeireiros. Está funcionando. Nós recebemos constantemente ameaças de morte da poderosa máfia madeireira. Três de nós já foram assassinados. Mas, nós continuamos, porque a floresta é nossa vida. Sem ela, todos nós estaríamos mortos. Nossos irmãos isolados também vivem na floresta. Eles não sobrevivem se ela for destruída. Enquanto nós estivermos vivos, nós estamos lutando por todos nós aqui, pelos isolados, e pela natureza.

.....
6. Já quase indo para a impressão, na data de hoje, 02/11/19, lemos a notícia na Folha de S. Paulo, confirmada pela Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular do Maranhão, que um grupo de madeireiros ilegais, dentro da TI Arariboia, fez uma emboscada contra os Guardiões da Floresta, atirando e assassinando o líder indígena Paulo Paulino Guajajara. Ainda, um outro líder indígena, Laércio Souza Silva, sofreu ferimentos graves. Toda força aos Guardiões da Floresta, e o forumdoc.bh conclama pelo fim da política genocida contra os povos indígenas que está em curso no país, ainda e com maior força.